

ENTRE O RURAL E O URBANO

construção de tempo e espaço entre trabalhadores rurais temporários

Maria Cristina Silva Costa*

ESPAÇO E TEMPO DA MEMÓRIA

Migrantes rurais em expressiva maioria, os trabalhadores rurais temporários residentes em Ribeirão Preto/SP contam histórias de vidas retirantes dos que, em outros tempos, encontraram terra, trabalho e morada interligados e relacionados com a família, sob formas diversas.

Do espaço e tempo que a memória reconstrói emergem as recordações do raçado e da criação de subsistência, incluídos nas relações tradicionais de colonato, do "trabalho independente", da autonomia de "plantar na própria terra". Nostálgicos, confrontando com as privações da vida atual, falam de um tempo de vida saciada, em que "a gente comia bem, morava em casa melhor, de tijolo, casa de fazenda"

A reconstrução imaginária do passado exclui conflitos e privações, seleciona atributos que alimentam a saudade da vida farta, do trabalho recriado em liberdade de "poder parar para descansar numa sombra e ouvir um passarinho cantar". Os aspectos cooperativos e familiares do trabalho, vínculos afetivos, solidariedade e autonomia são enfatizados.

Condições em mudança nas formas de ocupação da terra e de produção agrícola preenchem o hiato entre a "vida boa" de tempo-espaço da memória e a migração. O fechamento do acesso à terra de trabalho, a extinção das áreas de cultivo e criação, dificultando a sobrevivência familiar e impossibilitando a reprodução de relações e valores do universo camponês, são percebidos como pressões excludentes do



Foto: Maria Cristina Silva Costa

mundo rural.

“Vir embora para a cidade” articula-se à busca de soluções para a sobrevivência material e com uma atitude de resistência à fragmentação ética que se manifesta na ruptura unilateral do trato, da reciprocidade permeada das relações sociais e da autonomia que o acesso a terra, o controle do tempo e do processo de trabalho asseguravam.

Por outro lado, a aspiração pela ascensão social na cidade, enquanto possibilidade de acesso a bens, empregos, recursos e instituições urbanas orientam a decisão e a direção da mudança.

NOVOS ESPAÇOS E TEMPOS

Colonos, pequenos proprietários, meeiros, rendeiros, afastados da terra de trabalhar e viver, transformam-se em trabalhadores temporariamente absorvidos pelas atividades dos canaviais de Ribeirão Preto. Porque não portam saberes e condutas adequados às exigências da cidade e do mercado de trabalho, permanecem excluídos das ocupações urbanas valorizadas. Instalados na cidade, plantam, carpem e colhem a cana que invadiu as terras onde muitos deles viviam. Remunerados com base na produção (tonelada de cana cortada) ou pela diária, sem lugar certo para trabalhar ou trabalho permanente, vivem a instabilidade do trabalho temporário nos canaviais, alternado com outras ocupações no campo e na cidade.

A estes trabalhadores juntam-se outros expropriados, os migrantes sazonais de Pernambuco, Alagoas, Bahia e, especialmente, do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, trazidos para a colheita de cana por agenciadores das usinas locais. O deslocamento espacial dos migrantes sazonais e dos que vêm para ficar, pela via da inserção no mundo dos canaviais e da agroindústria, corresponde a um deslocamento social e cultural, ao ajustamento a novas condições de vida e trabalho, novos sistemas de organização do espaço e da delimitação do tempo.

No espaço dominado pelas usinas, as terras em nada se parecem com as de trabalho e morada: marcadas pela presença de prédios, destilarias e depósitos, estão povoadas por canas de diversas idades,

formatos, tamanhos e coloridos. Terra que não alimenta, onde o trabalho se dissocia da comida, só tem como paga o “dinheiro que dá mal e mal pra comer” e obriga a “trabalhar mandado”. Espaço de “cativo”, na concepção composesa, faz “com que o trabalhador tire o que comer do que ganhou”. (1) Espaço de negação da liberdade, de vigilância rígida sobre o trabalhador, e que obriga a extrair do salário a “bóia” parca e pouco nutritiva, ingerida fria no local de trabalho.

A “vida igual de viajante”, que “não fica nem lá, nem cá”, promove a disjunção entre tempo-espaço da família e do trabalho, mediados por quilômetros e salários. Só se associam, porque há que prover - ou complementar - com o “ganho mingua-do” da lida nos canaviais o sustento familiar.

Do trabalho familiar sob a liderança do pai no espaço camponês, fica o arremedo de “tocar de baião” (de dois), quando o cortador de cana da cidade leva consigo a mulher ou um filho para trabalhar nos domingos durante o pico da colheita, sendo esta produção computada para o trabalhador efetivo. O “baião” dançado em família como desafio nos talhões de cana, ao canto do podão brandido no ar, funde dois trabalhadores em um, intensificando a produção no processo de trabalho controlado pelo capital e aumentando o ganho do provedor do grupo doméstico.

Tempo e espaço do trabalho rural assalariado dissociam-se do controle e das exigências da produção familiares. Nos canaviais, as tarefas cotidianas são reguladas pela divisão e sincronização do trabalho promovidas pela indústria localizada no campo, que ajusta o ritmo dos homens ao das máquinas e ao interesse pelo lucro. Distituído do controle de tempo e saber na direção do processo produtivo, o trabalhador sujeita-se às determinações técnicas, horários e fiscalização da empresa.

A penetração no tempo de trabalho contínuo, durante a safra, intenso até nos domingos, corresponde à ruptura com o tempo cíclico camponês - ritmado por natureza, trabalho e festa - e à construção de um novo tempo cíclico, no qual as estações do ano são a safra (maio a novembro) e a entressafra da cana. Introduce-se o tempo comprado e vendido, medido como a cana, tempo que vira dinheiro.

A “parada” determinada pelo ciclo da

cana é tempo de os homens transformarem-se. A “parada” do corte da cana é tempo de corte dos homens, em que, com e como a cana já caída aos seus pés sob os instrumentos acionados por eles, os trabalhadores são cortados pelas usinas. Para o migrante temporário, a entressafra começa em outubro, tempo de voltar para casa e para o plantio nas unidades familiares, até então privadas da sua presença. Tempo da família, do trabalho cooperativo, da festa reafirmadora da comunidade camponesa.

Entre os residentes na cidade, a “parada” constitui o mais instável e móbil tempo da sobrevivência. Os que permanecem nas atividades de carpa e replantio dos canaviais, ou nas culturas intercalares, e os que tomam a direção de outras colheitas prosseguem no trânsito campo-cidade, embora com remuneração muito reduzida.

Para muitos dos cortadores de cana fixados em Ribeirão Preto, a entressafra transforma-se em tempo só da cidade: estação de perambular à procura de trabalho, transformar-se em ajudante de pedreiro, “chapa” de caminhão, jardineiro, faxineiro, deixar de ser “bóia-fria” durante alguns meses. A “parada” representa época de exarcebação de carências, de se mexer e “mexer na casa”. Estação ritmada pelas batidas de martelo nas paredes de madeira ou nas vigas que irão suportar o telhado, misturada com argamassa entre parentes e amigos, cadenciada pelos tijolos que pulam de mão em mão. Meses de viver a impaciência do tempo acelerado da cidade - “caçar serviço pela cidade” - e, com paciência, construir e reconstruir habitações tão mutantes quanto os seus moradores.

ESPAÇO E TEMPO LIMINARES

“Vir para Ribeirão”, no contexto de desagregação da sociedade rural tradicional, implica a possibilidade de ascensão social para os que aí se fixam. No entanto, a instalação nos bairros pobres da periferia e o engajamento no trabalho rural temporário configuram-se, para eles, como acomodação provisória (tornada permanente) a uma situação vivida entre dois mundos. Situação de crise: carências aguçadas pelo confronto com recursos e bens que a cidade promete, frustração de expectativas e descenso para condições precárias e instá-

veis no trabalho e na vida.

Entre os sazonais, o desenraizamento temporário e o distanciamento espacial da família são vividos como crise da sobrevivência camponesa - provocada pelo fechamento e expulsão de áreas de cultivo -, obrigando à migração cíclica e ao contato com outras relações, práticas e valores. O assalariamento temporário na agricultura canavieira complementa o sustento familiar, que a terra pouca e enfraquecida já não garante, e assegura a continuidade da vinculação com a terra e com o universo simbólico camponês.

Para os sazonais do "Vale da Fome" e de Estados nordestinos, a reprodução social e cultural enquanto camponeses e a determinação com que resistem à desagregação da existência camponesa motivam a migração e a proletarização provisórias. Não trazem a família, mantêm-se isolados em relação às cidades que os recebem e aos canavieiros da região, não trazem a festa, como lembra José de Souza Martins (2): não vieram para ficar. Entretanto, ainda que sazonal, no mundo dominado pela lógica da mercadoria e do dinheiro promove a elaboração de novas formas de ver o mundo e de ser no mundo. Entre universo camponês e proletário, reformulam condutas e valores.

Diferentes dos migrantes sazonais sob muitos aspectos, os residentes nos limites do urbano concebem a inclusão no assalariamento rural temporário como um tempo de transição necessário para a integração na cidade. Com a repetição de gestos e atividades de quem constitui o hábito de aguardar o completar-se dos ciclos da natureza e da existência, cumprem a tarefa da sobrevivência no tempo de espera de vida integrada no progresso que a cidade simboliza.

Em espaço e tempo liminares, os trabalhadores de percurso parado no limiar da cidade transitam entre antigas e novas formas e concepções de produção e reprodução da existência. Reformulam relações, práticas e representações, recriam estratégias de sobrevivência, integram-se no ir-e-vir infinito entre campo e cidade, constroem interminavelmente as moradias, na busca incessante de melhores condições de vida. Elaboram sonhos da "casa própria", "de tijolos, cômodos separados", do trabalho regular, "que não é trabalho mandado e paga bem", de "plan-

tar na própria terra": versões ambíguas de anseios de vida satisfatória, conforto material e compensações monetárias, e de recuperação da dignidade e da liberdade, da autonomia na reapropriação do seu destino.

No tempo de transição imbricam-se referenciais camponeses - de reciprocidade e pessoalidade nas relações, de autonomia, dignidade, liberdade associados à hierarquia familiar definindo a pessoa e seu lugar no mundo -, com referenciais do mundo urbano-industrial - onde salários, o prestígio ligado às aquisições materiais, o contrato administrando relações predominam na afirmação do indivíduo. Entre referentes éticos e monetários, relacionais e individualistas, o presente é tecido com as ambiguidades das situações liminares.

Diferentemente dos que vêm para garantir a reprodução camponesa, e não para construir nova vida na cidade, os residentes em Ribeirão Preto participam, nos bairros da periferia, da constituição de territórios simbólicos em redes de sociabilidade que transcendem o universo familiar restrito, englobam vizinhos e amigos e fazem da reciprocidade amenizadores do distanciamento com a cidade.

Aí, tecem o cotidiano e novas estratégias de sobrevivência, fortalecem os laços familiares para o enfrentamento conjunto da existência, fiam conversa de fins de tarde em botequins ou à porta da casa, a família em volta. Nestes territórios delimitados espacial e socialmente, os que vieram para ficar recuperam o sentido da festa e da existência.

Não festejam aniversário, tempo do indivíduo, mas comemoram dias de Santo - S. João ou S. Pedro -, batizados e casamentos, ritos que introduzem um tempo cíclico e coletivo no tempo da individualização promovida pela cidade e pela vinculação a contrato e salário. Momentos que interrompem a mesmice do cotidiano introduzindo um tempo religioso, que também reafirma afinidades e consagra relações. Ritos que envolvem a partilha de bens escassos e do prazer, a solidariedade estabelecida pela convergência dos vínculos familiares aos grupais. Dias de cimentar laços, no tempo de transição, crise, e de esperança nutrida pela reafirmação do senso comunitário.

Na situação liminar - momento situado dentro e fora do tempo e do espaço -, o

camponês - "bóia-fria" e o "bóia-fria" da cidade vivem o desacordo entre estar e ser, constroem identidades ambíguas, diferentes entre si, porém ambas reveladoras da confluência de universos sociais e culturais distintos. Presentes como substrato importante na orientação de ações e representações estão o código e as relações estruturantes do universo camponês. A inserção no mercado capitalista, no mundo do contrato, salário e disciplinamento imposto de fora se integra no vivido e no concebido. A migração cíclica e o trânsito cotidiano cidade-campo sob a sedução da mercadoria se introduzem em suas vidas. Vínculos comunitários e familiares compõem referenciais poderosos para a elaboração de práticas e sistemas valorativos.

A identidade liminar desses seres transitantes que, entre espaços e tempos diversos, redimensionam passado, presente e futuro, constrói-se como acomodação a uma situação não desejada e como resistência à fragmentação vivenciada. Resistem através da afirmação de valores, condutas e relações que permitem recompor, ainda que parcialmente, a dignidade vinculada ao trabalho, a autonomia e hierarquia da família, a busca de soluções familiares para a sobrevivência e a agregação comunitária.

Identidade liminar, ambígua, dos que vieram para ficar e se ajustam à individualização e ao ritmo célere do mundo urbano, apegando-se a si mesmos e recuperando, simbólica e concretamente, o senso comunitário. Identidade liminar, ambígua, dos migrantes sazonais, que vêm para permanecer os mesmos e voltam modificados.

* Maria Cristina Silva Costa é mestrande em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisa com trabalhadores rurais temporários de Ribeirão Preto.

NOTAS

(1) MOURA, Margarida M. "Liberdade e Igualdade: Reflexões sobre o campesinato sertanejo e política". Texto apresentado em seminário, USP, 1990.

(2) MARTINS, J. de S. Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis, Vozes. 1986.